



PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review

e-ISSN: 2316-932X

DOI: 10.5585/podium.v1i1.17

Organização: Comitê Científico Interinstitucional

Editor Científico: João Manuel Casquinha Malaia dos Santos

Avaliação: Double Blind Review pelo SEER/OJS

Revisão: Gramatical, normativa e de formatação

RIO 2016 E O PLANO BRASIL MEDALHAS: SEREMOS UMA POTÊNCIA OLÍMPICA?

**RIO 2016 AND THE BRAZILIAN MEDAL PLAN: WILL WE BECOME AN OLYMPIC
POWER?**

RIO 2016 Y EL PLAN BRASIL MEDALLAS: SEREMOS UNA POTENCIA OLÍMPICA?

Silvestre Cirilo dos Santos

Mestre em Gestão e Estratégia em Negócios pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Pesquisador da Universidade Gama Filho – UGF

E-mail: silvestrecirilo@yahoo.com.br (Brasil)

Lamartine Pereira DaCosta

Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho – UGF

Professor da Universidade Gama Filho – UGF e da University of East London – UEL, Londres

E-mail: lamartine@terra.com.br (Brasil)

Carlos Henrique Virtuoso da Silva

Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO

Discente em Gestão do Esporte na Trevisan Escola de Negócios

E-mail: virtuoso@cgcompresarial.com (Brasil)



RIO 2016 E O PLANO BRASIL MEDALHAS: SEREMOS UMA POTÊNCIA OLÍMPICA?

RESUMO

Com o início do Ciclo Olímpico Rio 2016, o tema resultado esportivo entrou na agenda esportiva brasileira. Os estudos voltados à busca de resultados entre nações têm revelado que o tema é tratado de forma quase que simplória através do Produto Interno Bruto (PIB) e o quadro de medalhas. Concomitantemente, foi lançado o Plano Brasil Medalhas. Posto isso, o objetivo do estudo é o de analisar a política adotada pelo país para o Ciclo Olímpico Rio 2016 através da questão por ora colocada: basta o investimento financeiro para a construção de uma potência Olímpica? O objetivo do Plano Brasil Medalhas 2016 é ficar entre os dez primeiros nos Jogos Olímpicos e entre os cinco primeiros nos Jogos Paralímpicos através de uma estratégia voltada para o crescimento de medalhas conquistadas nas modalidades já ativadas e, a conquista de medalhas em modalidades sem esta tradição. A conclusão foi a de que apenas o investimento financeiro não é capaz de melhorar a eficiência em relação aos resultados dos Jogos Olímpicos. A análise do Plano Brasil Medalhas 2016 preconiza uma fragilidade aparente, podendo ser percebido como um plano emergencial para o Ciclo Olímpico Rio 2016.

Palavras-chave: Gestão do Esporte; Política Esportiva; Rio 2016.

RIO 2016 AND THE BRAZILIAN MEDAL PLAN: WILL WE BECOME AN OLYMPIC POWER?

ABSTRACT

When the Rio 2016 Olympic cycle started, a major subject was the Brazilian sports results agenda. Studies focused on results between nations have revealed that Gross Domestic Product (GDP) and the medals table treat the subject almost simplistically. Besides that, we have the Brazil Medals 2016 Plan. The goal of this study is to analyze the policy adopted by the country for the Rio 2016 Olympic Cycle by addressing the question: Is a financial investment required to construct an Olympic power? The intention of Brazil is to place in the top ten in the Olympics and in the top five in the Paralympic Games. To accomplish this, the strategy is focused on growth in terms of continuing to win medals in sports we have previously won, and also winning medals in sports without this tradition. The conclusion was that such efficiency would not be achieved only through financial investment. Analysis of Brazil Medals 2016 Plan shows an apparent fragility, which may prompt the need for an emergency plan for the Rio 2016 Olympic Cycle.

Keywords: Sport Management; Sports Policy; Rio 2016.



RIO 2016 Y EL PLAN BRASIL MEDALLAS: SEREMOS UNA POTENCIA OLÍMPICA?

RESUMEN

Con el inicio del Ciclo Olímpico Río 2016, el tema resultado deportivo entró en la agenda deportiva brasileña. Los estudios centrados en la búsqueda de resultados entre naciones han puesto de manifiesto que el tema es tratado de forma casi simplista a través del Producto Interno Bruto (PIB) y la tabla de medallas. Al mismo tiempo, se puso en marcha el Plan Brasil Medallas. Dicho esto, el objetivo del estudio es analizar la política adoptada por el país para el Ciclo Olímpico Río 2016 a través de la pregunta formulada: basta sólo la inversión financiera para la construcción de una potencia Olímpica? El objetivo del Plan Brasil Medallas 2016 es estar entre los diez primeros en los Juegos Olímpicos y entre los cinco primeros en los Juegos Paralímpicos a través de una estrategia centrada en el crecimiento de medallas ganadas en las modalidades ya activadas, y la conquista de medallas en las modalidades sin esta tradición . La conclusión fue que sólo la inversión financiera no es capaz de mejorar la eficiencia en relación con los resultados de los Juegos Olímpicos. El análisis del Plan Brasil Medallas 2016 defiende una fragilidad aparente, que puede ser percibido como un plan de emergencia para el Ciclo Olímpico de Río 2016.

Palabras-clave: Gestión del Deporte; Política Deportiva; Río 2016.



1 INTRODUÇÃO

Com o início do Ciclo Olímpico Rio 2016, o tema resultado esportivo entrou na agenda esportiva brasileira. Os estudos voltados à busca de resultados entre nações têm revelado que o tema é tratado de forma quase que simplória através do Produto Interno Bruto (PIB) e o quadro de medalhas (De Bosscher, Bingham, Shibli, van Bottenburg, & De Knop, 2008). Mesmo havendo uma forte indicação de que estas variáveis, juntamente com outras (tamanho da população e o clima, por exemplo) contribuam com aproximadamente 50% do sucesso esportivo (De Bosscher et al., 2008; De Bosscher, De Knop, Van Bottenburg, & Shibli, 2006; De Bosscher, De Knop, Van Bottenburg, Shibli, & Bingham, 2009; Shibli & Bingham, 2008), é possível inferir que essa influência vem diminuindo enquanto preditor do sucesso esportivo (Shibli & Bingham, 2008).

Estudos apontam diversos fatores que influenciam a questão do sucesso esportivo (Böhlke & Robinson, 2009; Conzelmann & Nagel, 2003; De Bosscher et al., 2008; Duffy, Lyons, Moran, Warrington, & Macmanus, 2001; Gibbons, McConnel, Forster, Riewald, & Peterson, 2003; Gould, Greenleaf, Guinam, & Chung, 2002; Greenleaf, Gould, & Dieffenbach, 2001) e muitos desses fatores críticos influenciam o rendimento do atleta na busca de resultados para o sucesso esportivo de uma nação.

Por exemplo, Green and Oakley (2001), a partir de estudos baseados nas potências Olímpicas, chegaram a dez fatores que envolvem desde a sistematização esportiva local até o planejamento para quando o atleta encerrar sua carreira esportiva, inclusive relatando o uso da genética pelos alemães orientais desde 1968, enquanto De Bosscher et al. (2008) identificaram nove pilares que podem explicar o sucesso esportivo de uma nação. Contudo, para que estes fatores sejam percebidos pelos atletas, é necessário que haja uma confluência das políticas públicas na disponibilização dos recursos financeiros juntamente a uma estruturação de todo o sistema esportivo para que haja uma percepção positiva no trabalho e nos resultados alcançados pelos atletas.

No Brasil, sede dos próximos Jogos Olímpicos, na Cidade do Rio de Janeiro, em 2016, a busca pelo sucesso esportivo não encontra uma base histórica, nem um planejamento programado desde a concepção da candidatura até a realização dos jogos efetivamente. Posto isso, o objetivo do estudo é o de analisar a política adotada pelo país para o Ciclo Olímpico Rio 2016 através da questão por ora colocada: basta o investimento financeiro para a construção de uma potência Olímpica?



2 METODOLOGIA

O presente estudo será conduzido através de uma pesquisa documental visando obter a documentação oficial do Governo Federal e a análise de conteúdo será utilizada para o entendimento dessa documentação, buscando a geração de uma resposta ao questionamento inicial da pesquisa. A análise de conteúdo é definida por Bardin (2010, p. 44), como

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A documentação oficial referente ao Plano Brasil Medalhas é escassa, para não dizer inexistente. Não se encontrou estes documentos em busca na Internet, assim como, dentro do site do Ministério do Esporte. O único documento encontrado foi a apresentação feita pelo ministro Aldo Rebelo e pela presidente Dilma Roussef. Concomitante a este fato, usaremos o edital de chamada pública, oriundo da Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR), que compreende ações voltadas à preparação dos atletas, preparação e organização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016, capacitação de recursos humanos para o esporte de alto rendimento e o apoio à implantação de infraestrutura para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016, dentro do Programa Esporte e Grandes Eventos Esportivos (Brasil, 2012). Esse programa se insere na verba de R\$ 1,5 bilhões destinados ao esporte de rendimento no quadriênio 2013-2016 que, somados ao montante de R\$ 1 bilhão destinado ao Plano Brasil Medalhas, resulta num investimento direto de R\$ 2,5 bilhões pelo governo federal neste período.

Nesta seção abordaremos os modelos de esporte de alto rendimento através de estudos publicados e faremos uma análise sobre o Plano Brasil Medalhas e os resultados alcançados pelo Brasil em Jogos Olímpicos desde a edição de Seul 1988 para, então, remeter as conclusões do estudo.



4 OS MODELOS DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Com a busca incessante por medalhas Olímpicas, o esporte de alto rendimento toma um espaço cada vez maior nas agendas políticas dos países envolvidos, sendo um momento oportuno para a discussão sobre todo o investimento feito nos quatro anos anteriores aos Jogos Olímpicos. Como exemplo dessa política, pegamos os exemplos da Dinamarca, que investiu para Pequim 2008 cerca de 30% a mais em relação aos Jogos Olímpicos de Atenas 2004 (Storm & Nielsen, 2010) e, o Brasil, que aumentou cerca de 250% o seu investimento financeiro, saltando de R\$ 692,5 mi para R\$ 1,75 bilhões nos dois últimos Ciclos Olímpicos (Rodrigues & Juppá, 2012).

Nos dois casos relatados a diferença no número de medalhas ganhas foi mínima, havendo uma inflexão no caso dinamarquês. Cabe ressaltar que, conforme relatado por De Bosscher et al. (2008), a forma mais consistente de se obter a informação nessa área é a utilização dos dados provenientes do governo federal e das loterias nacionais, excluindo, nesse caso, os investimentos privados, de difícil mensuração, além da questão envolvendo a necessidade do reajuste no montante investido para a manutenção do desempenho anterior.

Dado este panorama, iniciaremos descrevendo como Reino Unido, China e Austrália, através de caminhos diferentes, buscaram a melhora dos resultados dentro dos Jogos Olímpicos e alcançaram os resultados esperados enquanto sede dos Jogos Olímpicos. Reino Unido e China buscaram sistematizações próprias por meios diferentes, enquanto que, a Austrália foi buscar inspiração na Alemanha Oriental (Böhlke & Robinson, 2009) com o trabalho tendo sido iniciado nos anos 1970 (Green & Oakley, 2001; Hoye & Nicholson, 2009).

A Austrália e o Reino Unido buscaram um novo posicionamento no cenário esportivo mundial a partir do fracasso observado nos Jogos Olímpicos de 1976 e 1996, respectivamente (De Bosscher et al., 2008; Farmer & Arnaudon, 1996; Hoye & Nicholson, 2009), enquanto a China busca uma consolidação do seu domínio e poder perante o resto do mundo (Hong, 2008; Hong, Wu, & Xiong, 2005; Hong & Zhouxiang, 2011)

A China, sede dos Jogos Olímpicos em 2008, na cidade de Pequim, presenciou uma grande discussão sobre o investimento no esporte de alto rendimento e a relação existente entre a busca pela medalha de ouro e o esporte de massa. Entretanto, a explicação das autoridades chinesas para o crescimento técnico na década citada foi o conceito de Juguotizhi, o qual permite que o país inteiro



abasteça o esporte de alto rendimento, além de contar com um dos sistemas mais efetivos de seleção e treinamento de atletas (Hong et al., 2005) e, com essa filosofia o país alcançou o primeiro lugar nos Jogos Olímpicos de Pequim 2008. Cabe lembrar que o desenvolvimento esportivo da China tem o início datado dos anos 1950 (Hong, 2008), não sendo fruto de uma política construída exclusivamente para os Jogos sediados em seu território. O que, em contas finais e através dessa doutrina, o país alcançou o primeiro lugar nos Jogos Olímpicos de Pequim 2008 (Hong, 2008). Aliada a essa longínqua política esportiva, apresentou-se o Projeto 119, baseado no cluster esportivo que respondia por quase 50% das medalhas distribuídas e que, no entanto, havia sido responsável por apenas 20% das medalhas conquistadas pelo país em Atenas 2004 (Shibli & Bingham, 2008).

A Austrália, que desde meados dos anos 1950 é reconhecida por sediar eventos esportivos, como, por exemplo, o tênis, o automobilismo, o motociclismo, o críquete, o rúgbi, o Commonwealth Games e, como ápice, a realização de dois Jogos Olímpicos: Melbourne, em 1956 e, Sydney, em 2000 (Farmer & Arnaudon, 1996; Green & Houlihan, 2005; Hoye & Nicholson, 2009; Stewart, Nicholson, Smith, & Westerbeek, 2004). O país iniciou sua busca pelo sucesso esportivo quando, em 1976, nos Jogos Olímpicos de Montreal, não ganhou medalha alguma de ouro. Cinco anos após o fracasso Olímpico, o governo australiano criou o *Australian Institute of Sport* (AIS), com o intuito de assistir aos atletas de alto rendimento (Farmer & Arnaudon, 1996; Green & Houlihan, 2005; Hoye & Nicholson, 2009; Stewart et al., 2004).

Originalmente inspirada nos modelos da Alemanha Oriental e da China (Böhlke & Robinson, 2009; Hoye & Nicholson, 2009), a Austrália, que anos depois passou a ser vista como referência na área de desenvolvimento esportivo de alto rendimento, obteve sucesso ao melhorar o seu desempenho durante as duas décadas subseqüentes (Hoye & Nicholson, 2009) e, com a culminância na realização dos XXVII Jogos Olímpicos, em Sydney, no ano de 2000. Entretanto, o seu desempenho vem ficando aquém do esperado, como pode ser observado nos últimos Jogos Olímpicos, em Londres 2012.

O Reino Unido apresenta uma característica particular, que é a reunião de quatro países: Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte (Houlihan, 1996). A intervenção governamental no esporte britânico cresceu a partir dos anos 1970, com a criação do *GB Sports Council*. A ênfase dada até meados dos anos 1990 era a do sport for all (Green, 2004). No entanto,



com o fraco resultado alcançado em Atlanta reviu seus objetivos e buscou priorizar os programas voltados ao desempenho e a excelência através do recém-criado Fundo da Loteria Esportiva (De Bosscher et al., 2008; Green, 2004; Houlihan, 1996, 2011).

Com a criação do *World Class Performance Program* (WCPP), em 1997, voltado à melhoria do esporte de alto rendimento (Green, 2004), os britânicos promoveram um turn point que, permitiu ao país sair da trigésima sexta colocação no quadro geral de medalhas, com apenas 15 medalhas, sendo uma de ouro, oito de prata e seis de bronze (Cardoso, 2000), culminando com o terceiro posto na última edição dos Jogos Olímpicos, através das 65 medalhas conquistadas em 2012 através de 19 modalidades (London 2012, 2012), sendo o foco do programa o apoio a atletas com reais chances de medalha, assim como, o desenvolvimento daqueles com capacidade de obter a vitória e, por último, a identificação e desenvolvimento de talentos, visando a alimentação da cadeia produtiva Olímpica (DCMS/Strategy Unit, 2002).

Como percebido nas colocações anteriores, o sucesso Olímpico de China, Reino Unido e Austrália passou por um planejamento de longo prazo e a observação de fatores que abordem elementos que não apenas o financeiro, como proposto por De Bosscher et al. (2008); Green and Oakley (2001) foram primordiais para que atingissem seus objetivos, cabendo lembrar que além dos recursos financeiros é necessário que se atente para as variáveis que influenciam o rendimento dos atletas, não bastando apenas mostrar gráficos com incrementos no investimento feito na área. É de suma importância que a estrutura necessária para que o atleta obtenha o seu melhor desempenho lhe seja ofertada juntamente com todo o ferramental envolvido nesse processo.



CATEGORIA	AUTOR	VARIÁVEL
ESTRUTURAL	(Böhlke & Robinson, 2009; De Bosscher et al., 2008; De Bosscher et al., 2006; Duffy et al., 2001; Green & Oakley, 2001)	Instalações esportivas
		Equipamentos
CIENTÍFICO	(Böhlke & Robinson, 2009; De Bosscher et al., 2008; De Bosscher et al., 2006)	Pesquisa
		Medicina esportiva
		Ciência do esporte
SISTEMA	(Böhlke & Robinson, 2009; De Bosscher et al., 2008; De Bosscher et al., 2006; Green & Oakley, 2001)	Identificação e desenvolvimento de talentos
		Participação esportiva
		Estrutura anti-doping
		Serviços esportivos
TÉCNICO	(Böhlke & Robinson, 2009; De Bosscher et al., 2008; De Bosscher et al., 2006; Duffy et al., 2001; Gibbons et al., 2003; Gould et al., 2002)	Relacionamento técnico-atleta
		Programa de formação do técnico
		Desenvolvimento profissional
		Qualidade dos técnicos
		Aconselhamento



Rio 2016 e o Plano Brasil Medalhas: Seremos uma Potência Olímpica?

TREINAMENTO	(De Bosscher et al., 2008; De Bosscher et al., 2006; Gould et al., 2002)	Programas de treinamento
		Treinamento no local de competição
		Mix de atividades
		Método de seleção da equipe
		Ajustes táticos
		Química da equipe
ORGANIZACIONAL	(De Bosscher et al., 2008; De Bosscher et al., 2006; Gould et al., 2002)	Unidade da equipe
		Liderança
		Coesão
COMPETIÇÃO	(Böhlke & Robinson, 2009; De Bosscher et al., 2008; De Bosscher et al., 2006; Duffy et al., 2001; Gould et al., 2002; Green & Oakley, 2001)	Competições nacionais e internacionais
		Estrutura de competição
		Treinamento e competição
		Planejamento de competições
		Ambiente
		Resultado
PSICOLÓGICO	(Duffy et al., 2001; Gould et al., 2002; Greenleaf et al., 2001)	Habilidades mentais
		Atitude perante os jogos
		Confiança
		Ambiente da competição
		Empolgação com a competição
		Parâmetro de comportamento a ser seguido



INDIVIDUAL	<p>(Böhlke & Robinson, 2009; Conzelmann & Nagel, 2003; De Bosscher et al., 2008; De Bosscher et al., 2006; Gibbons et al., 2003; Green & Oakley, 2001; Greenleaf et al., 2001)</p>	Preparação física
		Rotina de treinamento e competições
		Apoio ao estilo de vida
		Foco
		Fatores pessoais intrínsecos
		Apoio social
		Competitividade
		Ética
		Apoio de família e amigos
		Talento natural
		Dedicação e persistência
		Manter-se calmo e controlado
		Ser preparado para lidar com distrações
		Planejamento pós-carreira de atleta

Quadro 1 – Variáveis aplicáveis à gestão do esporte ao nível micro



5 BRASIL E O PLANO BRASIL MEDALHAS

No Brasil, a discussão está voltada ao investimento financeiro realizado pelo governo e pelo número de medalhas ganhas (Ceccon, 2012; Kleber & Marcondes, 2012; Ohata & Rangel, 2012; Rodrigues, 2012; Rodrigues & Juppá, 2012). A apresentação do Plano Brasil Medalhas, feita pelo Ministro Aldo Rebelo revela um plano focado principalmente no posicionamento do quadro de medalhas (ficar no Top 10) e garante ao atleta um suporte à montagem do seu *staff*, contrariando os estudos realizados (Böhlke & Robinson, 2009; Conzelmann & Nagel, 2003; De Bosscher et al., 2008; Duffy et al., 2001; Gibbons et al., 2003; Gould et al., 2002; Greenleaf et al., 2001), nos quais foram levantadas junto aos atletas ou, em compilações de estudos anteriormente realizados, as necessidades daqueles para a busca do sucesso esportivo (quadro 01).

O Plano Brasil Medalhas 2016 foi lançado em setembro de 2012, com um aporte de R\$ 1 bilhão, sendo dividido em R\$ 690 milhões voltados para apoio ao atleta e, R\$ 310 milhões para a construção e reforma de centros de treinamento (Damé, 2012). Na apresentação feita pelo Ministro Aldo Rebelo, o objetivo do Plano Brasil Medalhas 2016 é ficar entre os dez primeiros nos Jogos Olímpicos e entre os cinco primeiros nos Jogos Paralímpicos através de uma estratégia voltada para o crescimento de medalhas conquistadas nas modalidades já ativadas e, a conquista de medalhas em modalidades sem esta tradição. A esta estratégia foram dados os nomes de crescimento intensivo e crescimento extensivo, respectivamente (Brasil, 2012, 13 de Setembro).

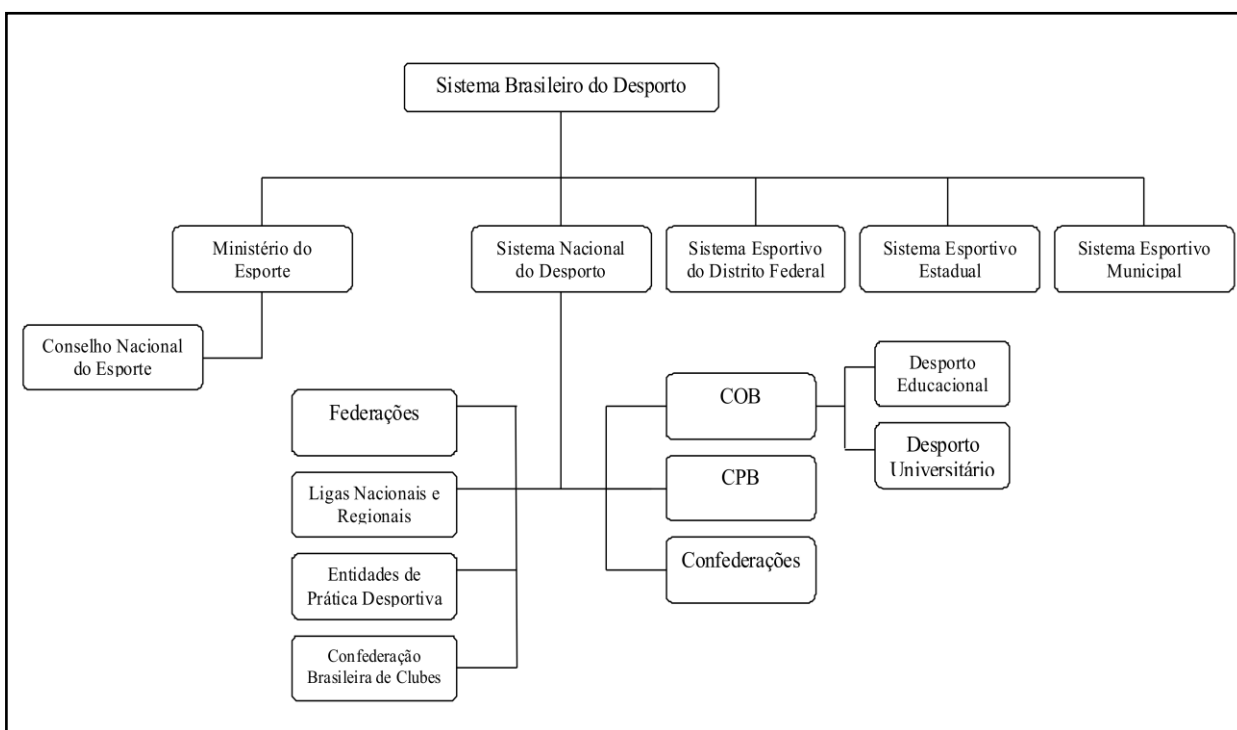
O foco prescrito foi o de se concentrarem nas modalidades com maior probabilidade de obtenção das medalhas, em clara contradição com o exposto pelo Superintendente Executivo do COB, Marcos Vinícius Freire, em declaração à Ceccon (2012), para quem declarou que "os brasileiros, tradicionalmente, gostam dos esportes coletivos. Não vamos abrir mão dessas modalidades, mas o foco será nos esportes individuais, que distribuem um maior número de medalhas", sugerindo um direcionamento a partir do mix de esportes a ser trabalhado no Ciclo Olímpico Rio 2016, diferentemente do exposto pelo Ministério do Esporte, sugerindo um choque de objetivos e metas para o esporte brasileiro.

Não foi possível perceber qualquer menção a existência de um efetivo sistema de detecção e desenvolvimento de talentos, assim como, uma política voltada à integração entre a educação física e o esporte (Santos Neto, 2012) que, é deixada à margem até mesmo na legislação vigente (Brasil,



1998) e que é a porta de entrada para o fluxo da cadeia produtiva Olímpica. A figura 1 nos traz uma visão geral sobre o sistema esportivo vigente no país e, através dessa figura, podemos observar a falta da integração entre a educação física e o esporte. Mesmo com a presença do esporte educacional na organização do esporte brasileiro, não há uma verdadeira integração com as escolas e o seu trabalho voltado à aquisição de habilidades motoras básicas e específicas.

Figura 1 - Organização Geral dos Desportos no Brasil



Claramente se nota uma disruptura na cadeia produtiva Olímpica logo no seu início, não sendo possível alimentar de maneira adequada os demais níveis com vistas ao platô de alto rendimento e a participação nos Jogos Olímpicos, como percebido no modelo proposto na figura 02. A presença de planos emergenciais não tem contribuído para o desenvolvimento do esporte brasileiro. Como são ações pontuais visando apenas o resultado em determinada competição, os gestores se esquecem que a formação de atletas e a consolidação de resultados se dão em longo prazo, sem esquecer-se da previsão das ferramentas necessárias para o desenvolvimento das variáveis que influenciam diretamente o rendimento do atleta, conforme descrito no quadro 01. O resultado dessa política de última hora pode ser percebido na figura 03, através da comparação de



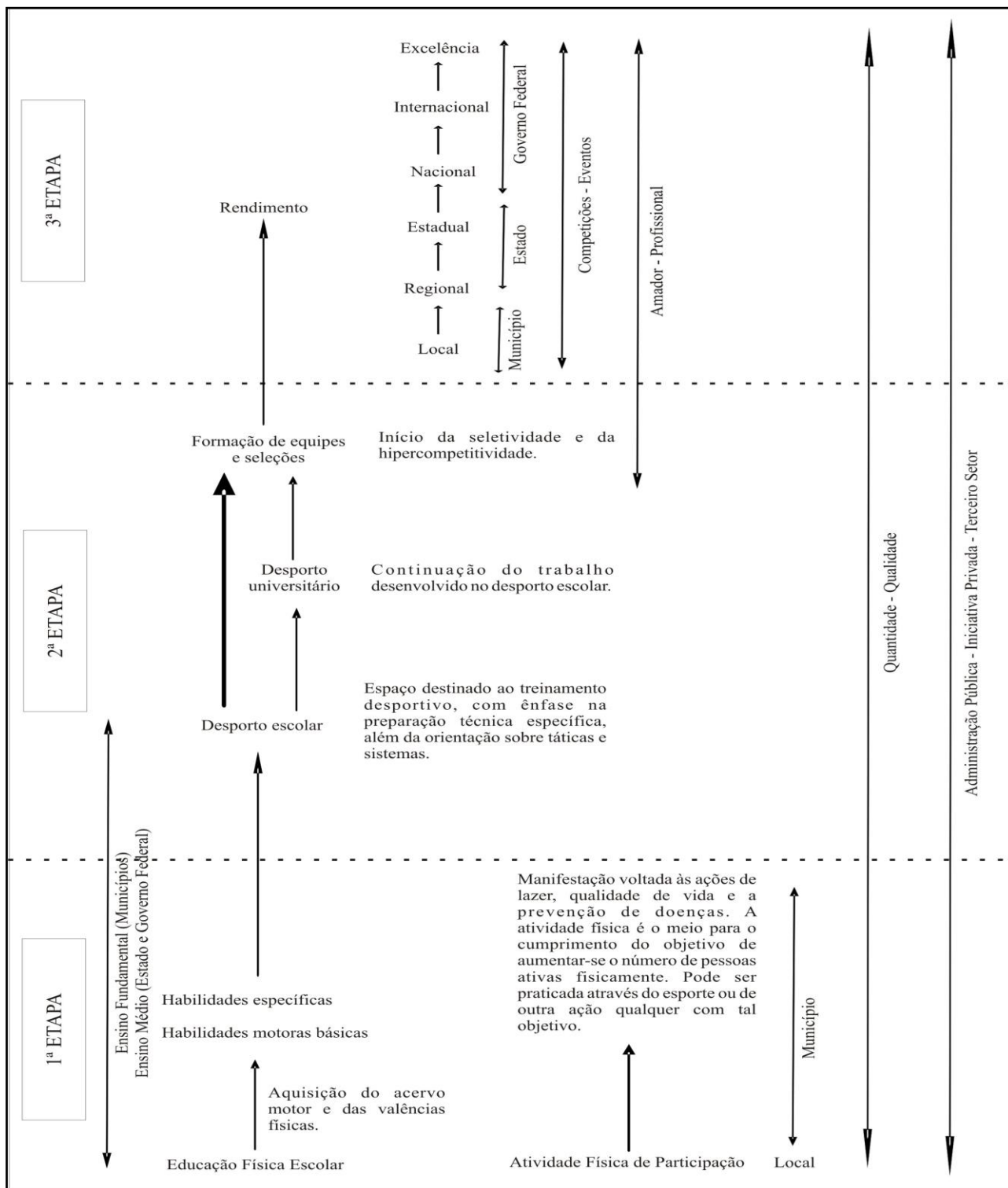
Rio 2016 e o Plano Brasil Medalhas: Seremos uma Potência Olímpica?

resultados entre EUA, China, Reino Unido, Austrália e Brasil desde os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988.

O método utilizado para essa comparação foi o marketshare, indicado por De Bosscher et al. (2008) e Shibli and Bingham (2008) por apresentar um resultado padrão em análises que levam em conta diferentes períodos e, por diferentes fatores, como, por exemplo, o número de eventos, a oferta de medalhas, o empate em uma determinada posição, etc. O marketshare é uma medida padronizada, na qual pode conhecer os “pontos ganhos em uma proporção dos pontos disponíveis a serem ganhos” (De Bosscher et al., 2008, p. 50), eliminando possíveis distorções entre uma edição e outra de uma mesma competição. Na tabela 01 é possível observar um resumo das informações referentes aos Jogos Olímpicos desde Seul, 1988 até Londres 2012.



Figura 2 - Sugestão para nova organização do esporte no país



Fonte: Santos Neto (2012, p. 106)



Tabela 1 – Quadro resumo com informações dos Jogos Olímpicos desde 1988

SEDE	ANO	PONTOS	Nº EVENTOS	Nº ESPORTES	DEL.	Nº ATLETAS
SEUL	1988	1455	263	27	160	8.391
BARCELONA	1992	1592	286	32	170	9.356
ATLANTA	1996	1657	271	26	197	10.320
SYDNEY	2000	1829	300	28	199	10.651
ATENAS	2004	1832	301	28	201	10.625
PEQUIM	2008	1865	302	28	204	10.942
LONDRES	2012	1870	302	26	205	10.820

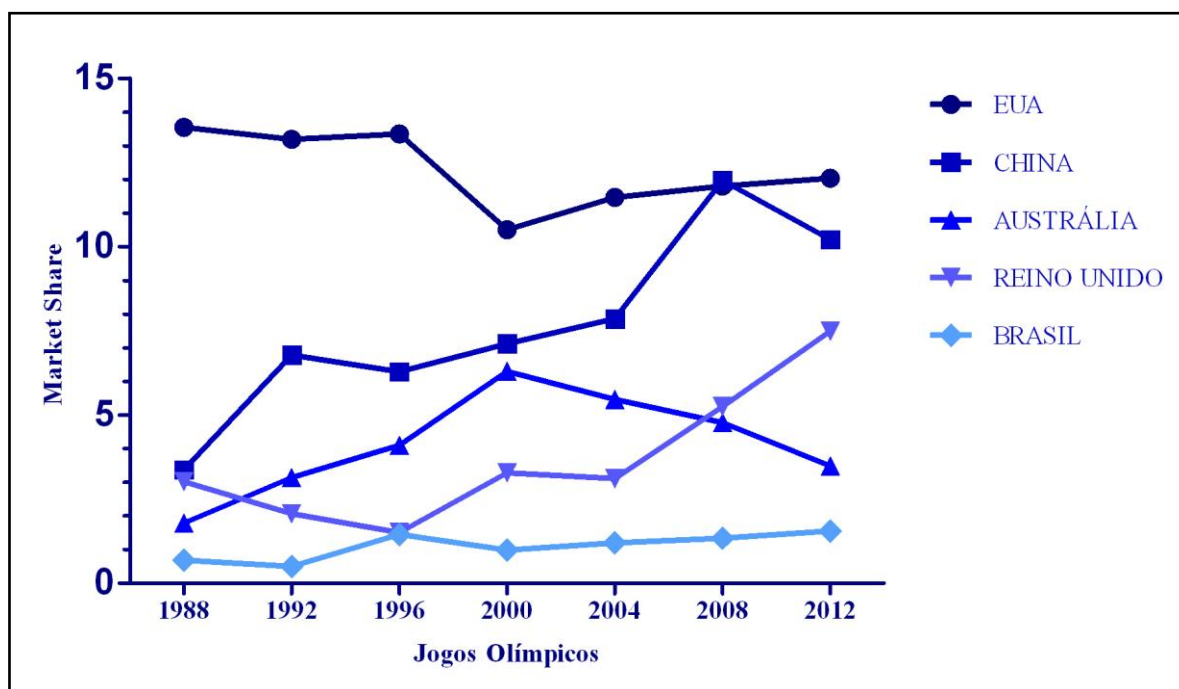
Pode-se observar a diversidade encontrada ao analisarmos o número de eventos, o número de países participantes, a quantidade de pontos disponíveis (os pontos são distribuídos da seguinte forma: Ouro = 3; Prata = 2; Bronze = 1), sendo que os pontos estão diretamente ligados ao número de eventos e medalhas distribuídas na competição. Desde Seul 1988, houve um aumento de cerca de 15% nos eventos e algo em torno de 20% no número de pontos, provando a necessidade da cautela na hora de compararmos resultados numa série histórica. Outro fator que merece destaque é o aumento no número de delegações e atletas presentes, o que, em teoria, aumentam as disputas por uma medalha.

Como pode se observar na figura 03, fez-se uma comparação dos resultados obtidos desde os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988 utilizando Austrália, China e Reino Unido (que tiveram suas propostas de desenvolvimento esportivo descritas neste estudo), Estados Unidos (por apresentar resultados constantes) e o Brasil (por ser o objeto de estudo neste artigo). Em relação aos países que sediaram os Jogos Olímpicos, o Reino Unido apresentou um padrão de comportamento no desempenho Olímpico desde os Jogos de Atlanta, culminando no ápice enquanto sede dos jogos.



A Austrália apresentou comportamento semelhante, com um desempenho crescente desde os jogos realizados em 1988, com o ápice encontrado no ano de 2000, quando Sydney foi a sede dos Jogos Olímpicos, para, em seguida, iniciar um declínio também constante no seu desempenho. A China apresenta desempenho crescente desde os Jogos Olímpicos de Sydney 2000, com o melhor desempenho observado em Pequim 2008 e declínio nos jogos seguintes (Londres 2012). O que se pode inferir nessa rápida análise é que os três países citados apresentaram melhora em seu desempenho desde que foram escolhidos para sediar os Jogos Olímpicos, essa escolha ocorre sete anos antes da realização da competição e, um padrão de declínio na edição seguinte.

Figura 3 – Comparação de resultados nos Jogos Olímpicos desde Seul 1988 até Londres 2012.



Na tabela 02 é possível observar os dados do *marketshare* da situação descrita. A situação do Brasil frente ao exposto até aqui é preocupante, pois diferentemente dos países estudados (Austrália, China e Reino Unido) que adotaram políticas voltadas ao desenvolvimento de um sistema próprio, o Brasil apresentou um plano (Brasil Medalhas 2016) voltado para o período 2013-2016, com perspectivas de conquistas em 21 modalidades Olímpicas.



Tabela 2 – Padrão de comportamento dos países que sediam os Jogos Olímpicos

PAÍS	1996	2000	2004	2008	2012	2016	2020
AUSTRÁLIA (2000)	4,10	6,29	5,46				
CHINA (2008)			7,86	11,96	10,21		
REINO UNIDO (2012)				5,25	7,49	?	
BRASIL (2016)					1,55	?	?

A questão central é como o país conseguirá aumentar o mix de esportes que conquistam medalhas num raio de ação de quatro anos? E, concomitante a isso, visualizar se realmente existe integração entre o planejamento do Ministério do Esporte e do Comitê Olímpico Brasileiro que, através da fala do seu Superintendente Executivo não revela a quantidade de esportes com chances de medalhas nesse período. Caso seja percebido o início de uma política esportiva consistente e duradoura através do pontapé inicial dado pelo Plano Brasil Medalhas 2016, os frutos serão colhidos a partir de 2024, conforme o modelo desenvolvido pela (*Athletics Canada*, s/d) são necessários cerca de 16 anos, desde o início da preparação para o treinamento até termos o atleta pronto e com capacidade para obter resultados estáveis no nível internacional, pois somente o investimento financeiro que aumentou num patamar de aproximadamente 550% desde o ano de 2001, no início do Ciclo Olímpico para Atenas (Rodrigues & Juppá, 2012), saindo de R\$ 280 milhões para a quantia de R\$ 1,76 bilhão para o Ciclo Olímpico de Londres, no período 2009-2012, através do investimento da Lei Piva, da Lei de Incentivo ao Esporte, das empresas estatais e de recursos do Ministério do Esporte.



6 CONCLUSÕES

Posto isso, é possível inferir que, apenas o investimento financeiro não é capaz de melhorar a eficiência em relação aos resultados dos Jogos Olímpicos. Como mostrado em estudos sobre a Austrália, a China e o Reino Unido, tal investimento deve ser seguido de um planejamento voltado aos elementos que gerem uma vantagem competitiva no somatório final, principalmente em relação ao trabalho voltado ao atleta e as variáveis que influenciam o seu desempenho. Assim como, é possível observar um atraso de 12 anos, quando comparados à sistematização feita pelo Reino Unido para Londres 2012, na formulação de uma política esportiva voltada ao alto rendimento no Brasil, visando os Jogos Olímpicos Rio 2016. A análise do Plano Brasil Medalhas 2016 preconiza uma fragilidade aparente, podendo ser percebido como um plano emergencial para o Ciclo Olímpico Rio 2016.

REFERÊNCIAS

- Athletics Canada. (s/d). Long Term Athlete Development (pp. 24). Ontario: Athletics Canada.
- Bardin, L. (2010). Análise de Conteúdo. Lisboa: Marca 70.
- Böhlke, N, & Robinson, L. (2009). Benchmarking of elite Sport systems. *Management Decisions*, 47(1), 67-84. doi: <http://dx.doi.org/10.1108/00251740910929704>
- Brasil. (1998). Lei N° 9.615, de 24 de março de 1998, que Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências.
- Brasil. (2012). Edital de chamada pública n.1 /2012. Diário Oficial da União(164), 131-133.
- Brasil. (2012, 13 de Setembro). Brasil Medalhas 2016. Power Point apresentado no Palácio do Planalto.



- Cardoso, M. (2000). *Os arquivos das Olimpíadas*. São Paulo: Editora Panda.
- Ceccon, B. (2012). Por top 10 em 2016, COB foca individuais e quer pódio em 13 esportes. *Gazetaesportiva.net*.
- Conzelmann, A , & Nagel, S. (2003). Professional careers of the German Olympic athletes. *International Review for the Sociology of Sport*, 38(3), 259-280. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/10126902030383001>
- Damé, L. (2012, 14 de Setembro). Governo dá R\$ 690 milhões a 200 atletas e seus técnicos, *O Globo*.
- DCMS/Strategy Unit. (2002). *Game plan: a strategy to delivering government's sport and physical activity objectives* (pp. 1-226). London: Cabinet Office.
- De Bosscher, V, Bingham, J, Shibli, S, van Bottenburg, M, & De Knop, P. (2008). *The global sporting arms race: an international comparative study on Sports Policy factors Leading to International Sporting Success*. Oxford: Meyer & Meyer Sport.
- De Bosscher, V, De Knop, P, Van Bottenburg, M, & Shibli, S. (2006). A Conceptual Framework for analysing Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. *European Sport Management Quarterly*, 6(2), 185-215. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/16184740600955087>
- De Bosscher, V, De Knop, P, Van Bottenburg, M, Shibli, S, & Bingham, J. (2009). Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. *Sport Management Review*, 12(3), 113-136. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.smr.2009.01.001>
- Duffy, P, Lyons, D, Moran, A, Warrington, G, & Macmanus, C. (2001). *Factors promoting and inhibiting the success of high performance players and athletes in Ireland from National Coaching & Training Centre*. Ireland.
- Farmer, P J, & Arnaudon, S. (1996). Australian sports policy. In L Chalip, A Johnson & L Stachura (Eds.), *National sports policies: an international perspective* (pp. 1-22). London: Greenwood Press.
- Gibbons, T, McConnel, A, Forster, T, Riewald, S, & Peterson, K. (2003). *Reflections on success: US Olympians describe the success factors and obstacles that most influenced their Olympic development, Report phase II: United States Olympic Committee (USOC)*.



- Gould, D, Greenleaf, C, Guinam, D, & Chung, Y. (2002). A survey of U.S. Olympic coaches: variables perceived to have influenced athlete performances and coach effectiveness. *The Sport Psychologist*, 16(3), 229-250.
- Green, M. (2004). Changing policy priorities for sport in England: the emergence of elite sport development as a key policy concern. *Leisure Studies*, 23(4), 365-385. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/0261436042000231646>
- Green, M, & Houlihan, B. (2005). Australia. In M Green & B Houlihan (Eds.), *Elite Sport Development: Policy learning and political priorities* (pp. 63-95). Oxford: Routledge.
- Green, M, & Oakley, B. (2001). Elite sport development systems and playing to win: uniformity and diversity in international approaches. *Leisure Studies*, 20(4), 247-267. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/02614360110103598>
- Greenleaf, C, Gould, D, & Dieffenbach, K. (2001). Factors influencing Olympic performance: interviews with Atlanta and Nagano US Olympians. *Journal of Applied Sport Psychology*, 13(2), 154-184. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/104132001753149874>
- Hong, F. (2008). China. In B Houlihan & M Green (Eds.), *Comparative Elite Sports Development: systems, structures and public policy* (pp. 26-52). Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Hong, F, Wu, P , & Xiong, H. (2005). Beijing Ambitions: An Analysis of the Chinese Elite Sports System and its Olympic Strategy for the 2008 Olympic Games. *The International Journal of the History of Sport*, 22(4), 510-529. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/09523360500126336>
- Hong, F, & Zhouxiang, L. (2011). China. In M Nicholson, R Hoyer & B Houlihan (Eds.), *Participation in sport: international policy perspectives* (pp. 169-182). Oxford: Routledge.
- Houlihan, B. (1996). Sport in the United Kingdom. In L Chalip, A Johnson & L Stachura (Eds.), *National sports policies: an international handbook* (pp. 370-403). London: Greenwood Press.
- Houlihan, B. (2011). England. In M Nicholson, R Hoyer & B Houlihan (Eds.), *Participation in sport: international policy perspectives* (pp. 10-24). Oxford: Routledge.
- Hoyer, R, & Nicholson, M. (2009). Australia. *International Journal of Sport Policy*, 1(2), 229-240. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/19406940902950903>



Kleber, L., & Marcondes, G. (2012, 13 de agosto de 2012). Um degrau de quase R\$2 bilhões, Correio Braziliense.

London 2012. (2012). 2012 Olympic medals Retrieved 01 setembro 2012, from <http://www.london2012.com/country/great-britain/medals.html>

Ohata, E., & Rangel, S. (2012). COB mira esportes individuais para ter mais pódios no Rio. Folha de São Paulo.

Rodrigues, J L. (2012, 13 agosto 2012). Dever de casa ainda está por fazer, O Globo.

Rodrigues, J L, & Juppá, F. (2012, 12 de agosto de 2012). Medalhas cada vez mais caras, O Globo.

Santos Neto, S C. (2012). Análise da gestão esportiva pelos profissionais de educação física: um estudo em representações sociais (Mestrado Profissional Dissertação), UFRRJ, Não Publicada.

Shibli, S., & Bingham, J. (2008). A forecast of the performance of China in the Beijing Olympic Games 2008 and the underlying performance management issues. *Managing Leisure*, 13(3-4), 272-292. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/13606710802200977>

Stewart, B, Nicholson, M, Smith, A, & Westerbeek, H. (2004). *Australian Sport: Better by Design? The evolution of Australian sport policy*. Oxford: Routledge.

Storm, R., & Nielsen, K. (2010). 'In a peak fitness condition? The Danish elite sports model in an international perspective: managerial efficiency and best practice in achieving international sporting success'. *International Journal of Sport Management and Marketing*, 7(1/2), 104-118.

Data do recebimento do artigo: 14/03/2012

Data do aceite de publicação: 02/05/2012